

Ficar completo



A maior parte do que ouvimos na vida é sobre como tudo era ou como poderia ser. Especialmente quando ficamos mais velhos, pensamos em como eram as coisas quando éramos jovens. Em muitas ocasiões ouvi as pessoas dizer: "Ah, quando era novo, costumava fazer isto e aquilo, quando éramos novos, costumávamos ir aqui e ali."

Tantas memórias, tantos pensamentos dedicados ao que era. Em que se baseiam as nossas esperanças e aspirações? No que poderia ser. É para isso que trabalhamos. Olhamos para o futuro, e no futuro tentamos ver o que seria bom e como poderia acontecer. Pegamos nos nossos sonhos, nas nossas aspirações, nas nossas ideias e dizemos: "Vou trabalhar muito. Vou fazer isto. Vou adquirir aquilo. E um dia, um dia no futuro, irei ser feliz".

Eu falo de outra dimensão, de outro tempo. E esse tempo não é no passado, nem no futuro. O tempo de que falo é agora. Neste momento, neste exacto segundo, a respiração que entra em cada um de vocês, anuncia a possibilidade de uma alegria imensurável. Isto é o que é tão interessante: neste momento chamado agora, todos os meus anseios e os meus desejos estão a ser satisfeitos.

E a pergunta que surge então é: quem é esta pessoa que diz "meu", que diz "eu"? Quem é este "eu"? Para responder a isso, temos que começar a compreender verdadeiramente a nossa existência.

Tomemos como exemplo um homem cujo trabalho é fazer molduras. As pessoas trazem-lhe os seus quadros — quadros lindos — e ele emoldura-os. É só isso que ele faz. Faz molduras e emoldura quadros. E é muito bom no que faz. À medida que a sua popularidade aumenta, mais pessoas trazem os seus quadros e ele está ocupado dia e noite, emoldurando, emoldurando, emoldurando. Todos estes quadros que lhe trazem são magníficas, mas, infelizmente, o homem não tem tempo para olhar para eles e admirá-los, porque está muito

ocupado a emoldurá-los. Quando chega uma imagem não olha para ela. Mede a largura e a altura, corta o caixilho, e com o seu martelo e pregos, emoldura a imagem. E diz, "Próxima" e "Próxima." E quando, depois de horas a emoldurar, fica cansado, diz: "Preciso de descansar um bocado."

Deixa a oficina, vai lá fora, olha à volta, e diz: "Oh, estou tão cansado." E faz então uma pausa para tomar um chá ou café. Depois olha para o relógio e volta. E o que faz? "Próxima". Mede-a, emoldura-a. "Próxima". Mede-a, emoldura-a. E é só isso que faz.

É o que todos nós fazemos. Porque a preocupação é — e isto é algo que ouço muitas pessoas dizerem — "Que hei-de eu fazer com o meu tempo?" Pois bem. Esqueçam o "que hei-de fazer". "Eu" e "meu tempo" é o que importa. Isso é o que é realmente importante.

Ouçó as pessoas dizerem: "Eu gosto muito da cor azul." Outra pessoa diz: "Eu gosto muito de laranja", ou "Eu gosto muito de verde." O principal destas declarações não é a cor. É o "Eu", porque sem o "Eu", podemos ter uma enorme paleta de cores, mas ninguém para dizer "Eu gosto muito". É este "Eu" que vos permite serem pais, mães, esposas, professores, pilotos, médicos, advogados ou o que quer que sejam. O que quer que sejam, é este "Eu" que vos permite ter um emprego, ser uma criança, brincar; é este "Eu" que vos permite — e vos permitirá — reformarem-se. Um dia, o "Eu" deixará de existir, e então... não preciso de o dizer, vocês sabem. Quando o "Eu" acaba, nada mais importa.

O que importa, porém, é se reconhecem este "Eu". Reconhecem o "Eu" que vos permite serem tudo o que são e tudo o que irão ser? Quem é este "Eu"?

O que é a respiração? O que é esta vida? O que é esta existência? Quando a tenho, tenho tudo, e quando não a tenho, não tenho nada — absolutamente nada. Não tenho de trabalhar para isso. Não tenho que a ganhar. Simplesmente tenho-a. Do que é que estou a falar?

Tudo começa com a compreensão deste "Eu" — este vocês! E esta compreensão fundamental de vocês mesmos, é a compreensão do que têm. O mundo diz-vos sempre o que podiam ter. Todos os anúncios publicitários são sobre o que podiam ter. Não sobre o que fizeram para isso, mas o que podiam ter.

O mundo diz-vos o que precisam de fazer para serem felizes, mas nunca vos mostra uma pessoa que fez tudo isso e ficou feliz. A fórmula que o mundo vos dá não tem um sinal de igual no fim. É apenas uma fórmula. É igual a quê? O que produz? O que faz? Ninguém sabe. "Faz isto, faz aquilo..." Não estou a criticar nada. Estou a dizer que vocês são o ingrediente chave que falta em tudo o que está a acontecer no mundo. E digo-o porque além de todas as responsabilidades das vossas vidas, têm também a responsabilidade de reconhecer o que vos foi dado.

Vocês têm ouvidos. E tenho a certeza de que muitos de vós já ouviram concertos maravilhosos e apreciaram-nos muito. Bonitas sinfonias. Bonitos violinos, harpas, pianos. E disseram: "Uau! Isto é maravilhoso" Tenho a certeza de que ouviram uma série de palestras, refletiram acerca delas e discutiram-nas enquanto tomavam um café com alguém, perguntando: "O que achaste disto? O que achaste daquilo?"

Mas deixem-me fazer-vos outra pergunta: Já ouviram o chamamento do vosso coração? Jamais foi escrita uma poesia tão doce como o chamamento do coração. Se há uma leitura perfeita, é a

leitura do coração. E se existe uma voz doce, é a voz do coração. Ouçam-na. Prestem atenção, porque algo muito doce está-se a manifestar-se na vossa vida. Escutem o pedido, porque é sobre paz, sobre alegria, sobre estar preenchido. Não amanhã. Não depois de amanhã. Agora. Estar completo agora.

Ontem estive numa universidade e falei, entre outras coisas, sobre estar "quase completo". Não completo, quase completo. Nunca escrevo os meus discursos previamente. Portanto, quando disse aquilo que disse ontem, foi uma surpresa tanto para mim como para a audiência. E depois pus-me a pensar neste estar "quase completo". A pintura que está quase completa não expressa o que poderia. O seu potencial não foi realizado. A canção que está quase completa não expressa o que o seu autor quer expressar.

Também nós, nas nossas vidas, estamos quase completos. É como a ponte que é magnífica, mas a que faltam dois metros. Ninguém a pode usar porque não está completa. Está quase completa. É como um casaco ou um vestido a que faltam as mangas. Não se pode vestir. Ou a massa que está quase completa — não se pode comer.

Como podem ficar completos? O que é necessário para completar esta existência? É tão simples! Basta reconhecerem o que vos foi dado. Reconheçam! É quanto basta. O que acontece depois é automático. O agricultor apenas pode semear a semente. Não pode espremer a semente e fazê-la brotar. Se o fizer, destrói toda a sementeira. Tudo o que pode fazer é semear. Tudo o que eu posso fazer é reconhecer o que tenho. E é aí que tudo começa a desabrochar. É disto que se trata conhecerem-se a vocês mesmos.